

O Ensino da Dicção em línguas estrangeiras: reflexões e propostas para a elaboração da transcrição fonética dirigida a cantores brasileiros

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Performance Musical

Veruschka Bluhm Mainhard
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
vmainhard@musica.ufrj.br

Zelma Amaral da Rosa
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
zelmaespanhol@gmail.com

Resumo. Em função da escassez de material didático que leve em consideração o desconhecimento dos sons inexistentes no português brasileiro, dificultando a absorção e correta execução dos referidos fonemas pelo cantor brasileiro, propomos o uso da transcrição fonética semi-restrita, que possibilita um maior detalhamento na descrição de alguns sons específicos da língua a ser cantada, através do emprego de alguns diacríticos geralmente ausentes na transcrição fonética ampla, assim como uma divisão silábica que reflita a realidade da articulação do texto literário na música, com o objetivo de evitar uma pronúncia contaminada pela execução de sons característicos do português brasileiro. Para tal, apresentaremos exemplos do espanhol e do alemão como base para nossas propostas, fundamentados na literatura teórico-metodológica específica e na observação dos resultados decorrentes de nossa prática docente.

Palavras-chave. Dicção, Transcrição Fonética, Espanhol, Alemão

Title. Title. Diction Teaching in Foreign Languages: Reflections and Proposals for the Development of Phonetic Transcription Aimed at Brazilian singers

Abstract. Due to the scarcity of didactic material that takes into account the lack of knowledge of sounds that do not exist in Brazilian Portuguese, making it difficult for the Brazilian singer to absorb and correctly execute these phonemes, we defend the use of semi-narrow phonetic transcription, which allows for greater detail in the description of some specific sounds of the language to be sung, through the use of some diacritics usually absent in the general phonetic transcription, as well as a syllabification that reflects the reality of the articulation of the literary text in the music, thus avoiding a pronunciation contaminated by the execution of sounds characteristic of Brazilian Portuguese. To this end, we will present examples from Spanish and German as the basis for our proposals, based on the specific theoretical-methodological literature and on the observation of results arising from our teaching practice

Keywords. Diction, Phonetic Transcription, Spanish, German

Título. La enseñanza de la Dicción en Lenguas Extranjeras: Reflexiones y Propuestas para la Elaboración de la Transcripción Fonética Direccionada a Cantantes Brasileños.

Resumen. Debido a la escasez de material didáctico que tenga en cuenta el desconocimiento de los sonidos que no existen en el portugués hablado en Brasil, lo que dificulta que el cantante brasileño absorba y ejecute correctamente estos fonemas, nuestras sugerencias se basan en el uso de la transcripción fonética semiestrecha, que permite mayores detalles en la descripción de algunos sonidos específicos de la lengua que se va a cantar, mediante el uso de algunos signos diacríticos habitualmente ausentes en la transcripción fonética ancha, así como una división silábica que refleja la realidad de la articulación del texto literario en la música, evitando así una pronunciación contaminada por la ejecución de sonidos característicos del portugués brasileño. Para ello, presentaremos ejemplos del español y del alemán como base de nuestras propuestas, basados en la literatura específica (teórica y metodológica) en la observación de los logros resultantes de nuestra práctica docente.

Palabras clave. Dicción, Transcripción Fonética, Español, Alemán

Introdução

Numa breve revisão da literatura de apoio ao ensino da dicção lírica de línguas estrangeiras, constata-se a falta quase total de material escrito em português. Encontramos esta lacuna também ao que se refere à bibliografia em português que trate especificamente da fonética direcionada ao conhecimento e aperfeiçoamento da pronúncia de línguas estrangeiras. Em consequência desta escassez, o cantor brasileiro assim como os estudantes de línguas estrangeiras, se veem obrigados a buscarem as informações em manuais e guias de pronúncia estrangeiros (ADAMS, 1999; MORIARTY, 1975; COX, 1996; CASTEL, 1994; SHEIL, 2004), ou livros (HUALDE, 2014; SCHWEGLER, 2018) em sua maioria escritos em inglês e empenhados em dirimir os erros de pronúncia decorrentes da influência da sonoridade das línguas nativas do leitor anglófono. Não é raro encontrarmos nos prefácios e introduções dos referidos manuais e livros a informação preventiva de que tal livro é dirigido aos cantores falantes do inglês, como podemos observar na introdução da publicação de David Adams:

Este livro é dirigido a estudantes de canto que frequentam as classes de dicção do Italiano, Alemão e Francês. Ele foi escrito para aquele aluno, cujo idioma nativo é o Inglês Americano [...] As qualidades auditivas distintivas de qualquer língua podem ser colhidas apenas imperfeitamente de um livro. (ADAMS, 1999, p. x) (tradução nossa)¹

Na página de apresentação do livro *Los Sonidos del Español*, José Ignacio Hualde²

¹ *This book is intended for voice students taking classes in the diction of the Italian, German, and French languages. It is written for the student whose native language is American English. [...] The distinctive aural qualities of any language can be gleaned only imperfectly from a book.*

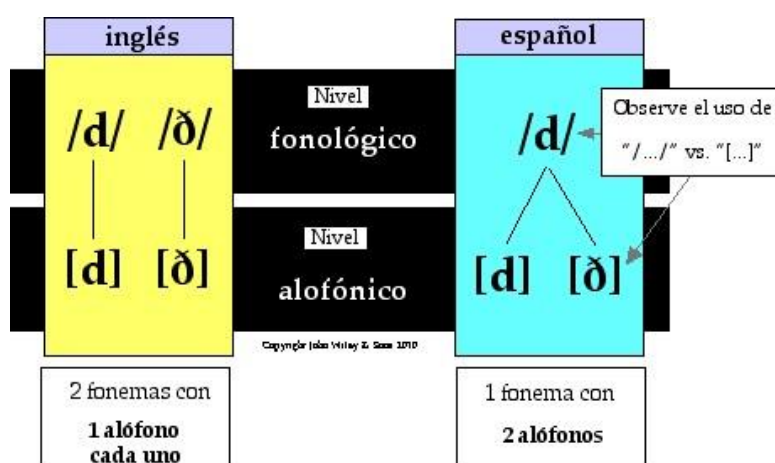
² José Ignacio Hualde é Professor Catedrático no Departamento de Espanhol, Italiano e Português, e no

também adverte que o conteúdo da obra em seu decorrer compara (contrasta) os sons do inglês com o espanhol:

Este manual oferece uma introdução, clara, precisa e atualizada, para o estudo dos sons da língua espanhola. Sem assumir nenhum conhecimento prévio de linguística, o livro explica as noções fundamentais de fonética (o estudo dos sons da fala) e de fonologia (o estudo dos sistemas de sons das línguas) ao mesmo tempo que proporciona uma descrição detalhada das características fonéticas e fonológicas da língua espanhola em suas variedades tanto europeias como latino-americanas. [...] No decorrer do livro comparamos os sistemas de sons do inglês com os do espanhol. (HUALDE, 2014, p. i) (tradução nossa)³

Armin Schwegler⁴, outro grande especialista da língua espanhola, em seu livro *Fonética y Fonología Españolas* também compara os sons do inglês e do espanhol.

Figura 1 – Exemplo comparativo entre fonemas e alófonos presentes no sistema fonético do inglês e do espanhol



Fonte: Armin Schwegler, *Fonética y Fonología Españolas*, página 208.

Além disso, Mário E. Viaro nos chama atenção para o fato de que

Departamento de Linguística da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign.

³ Este manual ofrece una introducción, clara, precisa y puesta al día, al estudio de los sonidos de la lengua española. Sin asumir ningún conocimiento previo de lingüística, el libro explica las nociones fundamentales de fonética (el estudio de los sonidos del habla) y de fonología (el estudio de los sistemas de sonidos de las lenguas) al mismo tiempo que proporciona una descripción detallada de las características fonéticas y fonológicas de la lengua española en sus variedades tanto europeas como latinoamericanas. [...] A lo largo del libro se comparan los sistemas de sonidos del inglés con los del español.

⁴ Armin Schwegler, Professor Emérito na *Spanish and Portuguese School of Humanities*, Universidade da Califórnia Irvine, é autor de vários livros e mais de 70 artigos acadêmicos sobre línguas românicas.

desde a sua criação em 1886, não havia ainda uma clara distinção entre fonética e fonologia, uma vez que o IPA (*International Phonetic Alphabet*) surgiu como um alfabeto fonético específico para a transcrição do inglês e como concorrente do Alfabeto de Lepsius (usado desde 1855)⁵.

Sobre a questão da criação do IPA ou AFI (Alfabeto Fonético Internacional) inicialmente destinar-se para a transcrição fonética do inglês, abrimos um parênteses para esclarecer que apesar do AFI ser usado atualmente para a transcrição fonética de óperas e canções, no que concerne à investigação e estudo da fonética e da fonologia do espanhol em países ou regiões que tem o espanhol como língua oficial ou nativa, o alfabeto que se usa por tradição é o Alfabeto da Revista de Filologia Espanhola (ARFE ou RFE)⁶. Citamos este dado para auxiliar aos que pretendam se aprofundar na pronúncia do espanhol, pois provavelmente encontrarão na bibliografia em espanhol, muitos símbolos fonéticos diferentes dos utilizados pelo AFI.

Em 1915, Tomás Navarro Tomás propõe um alfabeto fonético diferente do Alfabeto Fonético Internacional para grafar a fonética do espanhol, com a justificativa de que os símbolos utilizados pelo AFI não sinalizavam as diversas particularidades da pronúncia da língua espanhola. Cabe notar que este alfabeto, conhecido como “Alfabeto da Revista de Filologia Espanhola (ARFE ou RFE)⁷, ainda hoje tem o maior percentual de utilização, tanto na Espanha, quanto em países hispano-americanos” (ROSA, 2019, dissertação, pág 26) para grafar a fonética e fonologia do espanhol. Centros de Pesquisas sobre linguística, fonética e fonologia⁸, Universidades⁹ em países de fala hispânica, e mesmo publicações didáticas do ensino de espanhol como língua estrangeira preferem a utilização do RFE para explicar a fonética do espanhol.

⁵ Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4283285/mod_resource/content/1/2018%20-%20coment%C3%A1rios%20C3%A0%20lista%20de%20palavras%20para%20transcri%C3%A7%C3%A3o.pdf.

⁶ Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_fon%C3%A9tico_de_la_RFE. Acesso em: 21 set. 2023

⁷ Alfabeto RFE – *Revista de Filologia Española*. Em algumas obras ou sites, a sigla correspondente para este alfabeto aparece como ARFE (*Alfabeto de la Revista de Filologia Española*). Adotamos RFE por ser a mais usada. Disponível em: <http://xn--revistadefilologiaespaola-uoc.revistas.csic.es/index.php/rfe>.

⁸ Exemplos: O *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI – Espanha e Portugal). Disponível em: <http://alpi.csic.es/es>. Acesso em: 19 set. 2023), o *Atlas Lingüístico (y Etnográfico) de Castilla-La Mancha* (ALECMAN. Disponível em: <https://www.ilc.csic.es/es/webpage/atlas-linguistico-etnografico-castilla-mancha-alecman>. Acesso em: 19 set. 2023)

⁹ Nas ementas de universidades espanholas ou latino-americanas podemos averiguar o ensino do AREF e posteriormente o AFI. *Universidad de Cádiz*. Disponível em: asignaturas2.uca.es/wuca_fichasig0607_asignatura?titul=0507&asign=507066&dpto=C114 Acesso em: 19 set. 2023. *Universitat Autònoma de Barcelona*. Disponível em: https://guies.uab.cat/guies_docents/public/portal/html/2022/assignatura/100587/es.

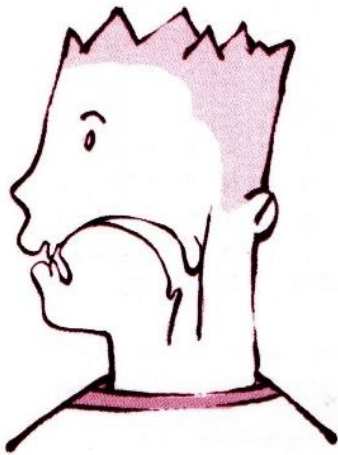
Figura 2 – Página de uma publicação destinada ao aprendizado da fonética do espanhol como língua estrangeira. O símbolo /ç/, utilizado pelo Alfabeto Fonético da Revista espanhola de Filologia, corresponde ao fonema africado alveopalatal desvozeado que é representado como /tʃ/ no sistema de notação do Alfabeto Fonético Internacional

13 Fonema /ç/

✓ **Estudia**

Fonema: /ç/
Descripción: africado, palatal, sordo.
Representación fonética: [tʃ]
Grafía: **Ch, ch.**

Pronunciación: se articula apoyando la lengua en el paladar duro durante un breve espacio de tiempo y separándola inmediatamente un poco del paladar para dejar pasar el aire (ver dibujo). No vibran las cuerdas vocales.
Posición: inicial de palabra (*charco*) y en inicial de sílaba interior (*coche*).



Los **sonidos africados** se caracterizan por poseer un momento oclusivo (cierre de los órganos articulatorios) seguido de un momento fricativo (abertura de los órganos por donde sale el aire).

-84-

Fonte: María Pilar Nuño Álvarez, José Ramón Franco Rodríguez, María Ángeles Álvarez Martínez. *Español Lengua Extranjera. Fonética Nivel Medio B1*, página 84.

A seguir, poderemos visualizar diferentes alfabetos e seus símbolos para a grafia fonética:

Figura 3 – Quatro alfabetos para transcrição fonética

ESPAÑHOL – FONEMAS FRICATIVOS				
ALFABETOS FONÉTICOS	AFI	RFE	SAMPA	X-SAMPA
ARTICULAÇÃO	1886	1915	1993	1995
Fricativa Labiodental Desvozeada	[f]	[f]	[f]	[f]
Fricativa Labiodental Vozeada	[v]	[v]	[v]	[v]
Fricativa Interdental Desvozeada	[θ]	[θ]	[T]	[T]
Fricativa Interdental Vozeada	[ð]	[z]	–	[T_v]
Fricativa Alveolar Desvozeada	[s]	[s]	[s]	[s]
Fricativa Apico-alveolar Desvozeada	[ɟ̺]	[š]	–	[s_a]
Fricativa Predorso-alveolar Desvozeada	[ɟ̺̃]	[ʃ]	–	[s_m]
Fricativa Dental Desvozeada	[ɟ̺̄]	[ʃ]	–	[s_d]
Fricativa Coronal Dento-alveolar Plana Desvozeada	[̪]	[ʃ]	–	–
Fricativa Alveolar Vozeada	[z]	[z]	–	[z]
Fricativa Dental Vozeada	[z̪]	[z̪]	–	[z_d]
Fricativa Pos-alveolar Desvozeada	[ɟ̺̄̃]	[š]	[S]	[S]
Fricativa Pos-alveolar Vozeada	[ʒ]	[ž]	[z]	[z]
Fricativa Palatal Vozeada	[j]	[y]	–	[j\]
Fricativa Velar Desvozeada	[x]	[x]	[x]	[x]
Fricativa Uvular Desvozeada	[χ]	[x̣]	[X]	[X]
Fricativa Glotal Desvozeada	[h]	[h]	[H]	[H]

Fonte: Zelma Amaral da Rosa. Manual de Dicção do Espanhol para Brasileiros (Dissertação de mestrado), página 38.

No entanto, ao descrever as particularidades dos sons de uma determinada língua, os autores evitam detalhá-las na representação fonética, supostamente com o argumento de que a transcrição fonética ampla é mais acessível à compreensão do leitor. Acreditamos numa postura mais flexível deve ser adotada, no intuito de possibilitar um aprendizado mais acurado da sonoridade de um idioma, como afirma Mota Maia:

A transcrição fonética é, antes de tudo, um meio que deve se ajustar a um fim. Não existem transcrições perfeitas, pois mesmo foneticistas treinados dotados de ouvido absoluto discordam, às vezes, sobre um mesmo estímulo. O que pode existir é uma transcrição cuidadosa e flexível, que não só evite símbolos incomuns para não sobrecarregar a leitura, mas também permita a adição de detalhes na medida da necessidade. Isso ocorre porque o número de detalhes que se podem ouvir e, portanto, grafar é praticamente indeterminado. (MOTA MAIA, 1985, p. 18)

“No entanto, é obviamente impossível definir um som tão estreitamente que qualquer

um, exceto um foneticista experiente, possa pronunciá-lo sem tê-lo ouvido”. (COX, 1996, p. 1) (tradução nossa)¹⁰. Podemos completar esta afirmação com mais detalhamento, pois segundo a audiopsicofonologia “a pronúncia nasce no ouvido”:

É importante ressaltar, que a fonação depende muito do modo de percepção auditiva. Qualquer modificação registrada, neste último nível, desencadeará uma modificação correlativa dos parâmetros que definem a fonação: o timbre, o ritmo, a intensidade (TOMATIS, 1999b, p. 144, tradução nossa)¹¹, elementos estes, que determinarão futuramente sua qualidade. [...] ouvir/escutar (perceber)¹² proporciona compreender a mensagem, na fala de terceiros, mas também, porque é a percepção auditiva, que regula a produção vocal (OLIVÉ, 1999, p. 63, tradução nossa)¹³ [...] e, portanto, uma boa dicção relaciona-se diretamente, com uma boa percepção auditiva. A partir desta comprovação, entendemos o porquê das dificuldades de dicção, que se apresentam, durante o processo de aprendizagem da própria língua, ou de uma língua estrangeira, pois estão primeiramente, relacionadas com uma boa ou má decodificação da mensagem fonética recebida. Concluimos, então, que uma dicção correta começa com a compreensão auditiva e a partir desta constatação, questionamos, até que ponto, utilizar apenas a transcrição fonética, sem exercícios práticos de pronúncia que ajudem a relacionar símbolo fonético e seu som específico, é eficaz para realização de uma boa pronúncia. (ROSA, 2020, p. 3 e 4)

Visto que a elaboração da transcrição fonética consiste numa das primeiras etapas do estudo da pronúncia de uma peça vocal, um maior detalhamento da pronúncia em uma transcrição fonética semi-restrita fornecerá uma melhor compreensão dos sons específicos de uma língua estrangeira, a fim de que o cantor já parta de um nível de execução mais próximo da realidade sonora do idioma, evitando a cristalização de erros e vícios da articulação do texto. Observamos ainda que a transcrição fonética pode oferecer um apelo visual eficaz, como um lembrete sempre presente na tomada de consciência corporal que, em conjunto com a sonorização do fonema, contribui para uma interpretação apurada e o mais livre de acentos e sotaques indesejados.

Este artigo, antes de mais nada, é o resultado da nossa experiência prática de mais de 20 anos com alunos de canto, que, em sua maioria, não possuem a vivência cotidiana com um

¹⁰ *Nevertheless, it is obviously impossible to define a sound so narrowly in writing that anyone but an experienced phonetician can pronounce it without having heard it.*

¹¹ *“La phonation se trouvant être étroitement dépendante du mode de perception auditive. Toute modification enregistrée à ce dernier niveau va déclencher une modification corrélative des paramètres qui définissent la phonation: le timbre, le rythme, l'intensité, etc.”*

¹² Alfred Tomatis sedimenta parte de sua obra na diferença entre ouvir e escutar.

¹³ *oir/escuchar proporciona comprender el mensaje, en el habla de terceros, pero tambien, porque es la percepción auditiva, que regula la producción vocal [...].*

idioma que não seja o seu nativo. A nossa proposta tem por objetivo otimizar o uso de uma ferramenta fundamental no estudo da dicção no canto – a transcrição fonética -, no sentido de facilitar o aprendizado da pronúncia de uma língua estrangeira.

Dificuldades dos cantores brasileiros em relação à pronúncia do alemão e do espanhol – propostas para superá-las através da transcrição fonética

Estamos cientes de que nem todos os desafios enfrentados na articulação de um idioma estrangeiro podem ser vencidos somente com uma transcrição fonética detalhada. Aliás, dependendo do nível de detalhamento (por vezes desnecessário), o cantor pode encontrar mais problemas do que soluções. Para tal, há que se usar do bom senso e critério na elaboração da transcrição. Por isso listaremos a seguir algumas questões que podem ser solucionadas através da representação fonética. Chamamos a atenção do leitor para o fato de apresentarmos representação das vogais com símbolos fonéticos diferentes no espanhol e alemão. Esta foi uma escolha baseada na frequência da ocorrência de descrição predominante no alemão, que é diferente no espanhol. No entanto, não vamos nos ater na discussão sobre a representação de vogais, uma vez que este é um tema que gera questões suficientes para a elaboração de um outro artigo dedicado a este assunto.

Entre as dificuldades enfrentadas pelos brasileiros ao pronunciar um texto em alemão, talvez a mais recorrente seja a nasalização de vogais¹⁴ em sílabas fechadas por consoantes nasais como por exemplo na palavra *brannte*, onde os brasileiros comumente pronunciam ['brã-ntə] ao invés de ['bran-ntə]. Como sabemos, não encontramos vogais nasais na pronúncia do alemão. Muitas vezes, a nasalização vem acompanhada da ditongação do segmento “-ent”. Na canção *Dein blaues Auge*, de Brahms, as palavras *glühent Paar* comumente são pronunciadas como [gly:-eɪnt pa:r] ao invés de [gly:-ənt^h p^ha:r]. Uma proposta para corrigir este problema é a utilização de uma separação silábica diferenciada na transcrição fonética, para que esta permita a pronúncia correta das vogais orais. Usaremos, então, o recurso da divisão de sílabas que transfere a consoante da coda nasal para sílaba seguinte de uma mesma palavra ou entre palavras. Exemplo: *glühent Paar* [gly:-ə nt^hp^ha:r], na medida em que torna as sílabas abertas na prática (sílabas que terminam com vogais), evitando assim a contaminação da característica oral

¹⁴ Este fato também ocorre entre os brasileiros na pronúncia do espanhol e de outras línguas que não possuem consoantes nasais. No Artigo *Assimilação fonética do fonema /n/ no espanhol: possível contribuição para a correção da nasalização de vogais* (ROSA, 2020) há uma explicação detalhada de como esse fenômeno ocorre.

pela consoante da coda nasal.

Figura 4 – Exemplo da proposta de divisão silábica da transcrição fonética das palavras *glühent Paar* [gly:-ə ntʰpʰɑ:r] na partitura (compasso 15)



Es brann - te mich ein glü - hend Paar, noch
ʔɛ s'bra - nntʰə mi çʔai n'gly: - ə ntʰpʰɑ:r nɔ

Fonte: os autores (2023)

Sugerimos a proposta didática apresentada acima também para a pronúncia do espanhol. Apesar da assimilação fonética das consoantes *n*, *l*, *s* e *z* existirem e serem grafadas no espanhol, constatamos na prática, em sala de aula nas classes de dicção do espanhol aplicada ao canto lírico, que mesmo grafando as assimilações fonéticas da consoante *n* e do encontro consonantal “-mb” nesta língua, os alunos continuam nasalizando as vogais do espanhol influenciados pela coda nasal presente no sistema fonético do português brasileiro. Apresentamos como exemplo a transcrição fonética das palavras tanto, *nombre* e *costumbre* na canção *Vidala del Secadal*, de Guastavino. A pronúncia destas palavras pelos brasileiros costuma ser [ˈtã-tu], [ˈnõ-brɪ] e [kos-ˈtu-brɪ]. Sua pronúncia e transcrições corretas em espanhol são [ˈt̪aŋ-to], [ˈnom-bre] e [kos̺-ˈt̪um-bre]. Propomos didaticamente a divisão silábica da transcrição fonética na partitura como [ˈt̪a-ŋto], [ˈno-mbre] e [ko-s̺tu-mbre].

Figura 5 – Exemplo da proposta de divisão silábica da transcrição fonética das palavras *tanto* [ˈt̪a -ŋto], *nombre* [ˈno -mbre] e *costumbre* [ko -s̺ tu -mbre] na partitura (compassos 6 e 8)



tan - to te'a - do - ra - ba. A los de -
't̪a - ŋto te'a - ðo - 'ra - βa a lo s̺ɔe -
nom - bre de cos - tum - bre. Soy'el que sue -
'no - mbre ðe ko - s̺tu - mbre sojel ke 'swe -

Fonte: os autores (2023)

Outro equívoco semelhante ocorre quando a consoante lateral alveolar vozeada [l] é substituída por uma ditongação. Exemplo: *hält so* [ˈhɛʊt zo:] no lugar de [ˈhɛltʰ zo:]. A mesma

sugestão de separação silábica poderia contribuir visualmente para a compreensão e internalização da pronúncia correta [ˈhɛ ltʰzɔ:], em que o tão desejado *legato* no canto se faça presente, além de evitar a contaminação da nasalização da vogal que será prolongada e afastada da consoante seguinte. O mesmo ocorre também na pronúncia do espanhol onde a consoante *l* (/l/) também sofre assimilação fonética. Usaremos como exemplo a palavra *balde* [ˈbaɫ-de] da canção *El Tra La La y el Punteado* de Granados.

Figura 6 – Exemplo da proposta de divisão silábica da transcrição fonética das palavras *hält so* [ˈhɛ ltʰzɔ:] (alemão) na partitura (compasso 6)

Brahms

Canto




Dein blau - es Au - ge hält so still, ich
 [da:ɪ - nˈbla - wəs ˈʔa:ʊ - gə hɛ ltʰzɔ: ʃtʰɪll ʔɪ]

Fonte: os autores (2023)

Figura 7 – Exemplo da proposta de divisão silábica da transcrição fonética da palavra *balde* [ˈbaɫ-de] (espanhol) na partitura (compasso 6)

E. GRANADOS

Canto



Es en bal - de ma - jo mí - o
 [e ɲe mˈba - lde ˈma - ɣo ˈmi - o]

Fonte: os autores (2023)

Ainda no rol das fragilidades em relação à execução cantada do texto alemão figura a necessidade de uma leve aspiração em consoantes plosivas desvozeadas (obrigatória no alemão e no inglês). Quase todos os manuais de dicção para o canto lírico em línguas do tronco linguístico germânico mencionam este detalhe fundamental, mas efetivamente não grafam o diacrítico de aspiração [h̥] após as referidas consoantes na transcrição fonética atendo-se à menção desta regra de pronúncia, importante para que a articulação do texto reflita esta característica fundamental da sonoridade da língua. Exemplo: *still* [ʃtʰɪll], presente no compasso 6 da Figura 6. Relativo ao espanhol o mesmo se aplica. Se faz necessário marcar que o fonema /t/ no espanhol é de articulação dental, e por isso é diferente da pronúncia do fonema /t/ no

português brasileiro. Exemplo: *costumbre* [kos-ˈtũm-bre], presente nos compassos 6 e 8 da Figura 5.

Figura 8 – Diferentes pronúncias do grafema T (português brasileiro, espanhol e alemão)

Grafema T			
Língua	Fonema (escrita fonológica)	Fonema (escrita fonética ampla, comumente usada em dicionários e manuais em inglês)	Alófonos (escrita fonética semi-restrita com detalhamento de articulação, através de diacríticos no espanhol e no alemão)
Português BR	/t/	[t]	[t] [t̟] (antes das vogais <i>e</i> e <i>i</i>)
Espanhol		[t]	[t̟]
Alemão		[t]	[tʰ]

Fonte: os autores (2023)

A transcrição fonética semi-estreita e o uso de diacríticos

A transcrição fonética é o uso de símbolos fonéticos para representar os sons da fala. Idealmente, cada som de um texto falado ou cantado é representado por um símbolo fonético escrito, de modo a fornecer um registro suficiente preciso para possibilitar a reconstrução do enunciado. Na prática, o mesmo conjunto de dados pode ser transcrito de mais de uma maneira. O sistema de símbolos fonéticos mais largamente usado em países que não sejam de língua espanhola é o IPA (*International Phonetic Alphabet*) ou AFI em português (Alfabeto Fonético Internacional).

Em seu artigo *Phonetic Transcription and Analysis* (2006), o foneticista britânico John Christopher Wells aponta para a importância de o sistema de transcrição fonética ser o mais simples possível.

Diferentes tipos de transcrições podem ser apropriados para diferentes propósitos. Vários autores os classificam em duas categorias: a transcrição fonética ampla e a restrita. Wells explica que

Uma transcrição maximamente restrita indica explicitamente todos os detalhes fonéticos disponíveis. Uma transcrição ampla afirma implicitamente muitos desses detalhes nas convenções para interpretar os símbolos, enquanto mantém as transcrições do material da linguagem real (o texto) menos complicadas. Existem dois fatores principais a serem considerados: a escolha dos caracteres (simples *versus* comparativos) e o número de caracteres

(fonêmicos *versus* alofônicos¹⁵). (WELLS, 2006, p. 4) (tradução nossa)¹⁶

Ele diz ainda que “para muitos propósitos é mais apropriado usar símbolos que se referem a fonemas¹⁷ ao invés de alofones.” (WELLS, 2006, p.4) (tradução nossa)¹⁸. As transcrições pedagógicas em dicionários e livros didáticos de aprendizagem de línguas são geralmente fonêmicas. Se, no entanto, o símbolo não representar nem um pouco o som, um diacrítico¹⁹ deve ser adicionado, de modo que o sistema de transcrição seja comparativo a esse respeito.

Hidalgo e Quilis (2012) propõem uma outra divisão das categorias de uma transcrição fonética: ampla, semi-restrita e restrita. Eles declaram que

Na transcrição ampla, notam-se apenas os traços fônicos diferenciais que contribuem para distinguir os elementos significativos da língua, ela está muito próxima da representação fonológica, pois prescinde de nuances. [...] Na transcrição semi-restrita, apenas os graus de abertura e fechamento dos alofones vocálicos são ignorados. Quilis e Fernández recomendam este tipo de transcrição nos cursos de espanhol para estrangeiros [...] Finalmente, a transcrição restrita contém a maior quantidade de informação expressa através de símbolos e sinais diacríticos especiais. (QUILIS; FERNÁNDEZ *apud* HIDALGO NAVARRO; QUILIS MERÍNLA, 2012, p. 344-345) (tradução nossa)²⁰

Diacríticos consonantais são geralmente desnecessários na transcrição ampla de um idioma, mas podem ser necessários em idiomas onde eles simbolizam um contraste fonêmico. Isto é especialmente importante na descrição das consoantes plosivas desavozeadas /p/, /t/ e /k/ no inglês e alemão, por exemplo. Os símbolos do AFI para estas consoantes estão disponíveis para mostrá-los como aspirados ([p^h] [t^h] [k^h]). Tecnicamente não há diferença entre a classificação proposta por Wells e a sugerida por Hidalgo e Quilis. Mas como há um consenso

¹⁵ Um alofone é qualquer variante de um fonema, seja ela combinatória ou livre (esta última, condicionada por fatores sociais, geográficos, estilísticos ou individuais).

¹⁶ *A maximally narrow transcription explicitly indicates all the phonetic detail that is available. A broad transcription implicitly states much of this detail in the conventions for interpreting the symbols, while keeping the transcriptions of actual language material (the text) less complicated. There are two main factors to be considered: the choice of characters (simple vs comparative) and the number of characters (phonemic vs allophonic).*

¹⁷ Um fonema é a menor unidade sonora de uma língua. Os fonemas combinados e organizados em sílabas formam palavras.

¹⁸ *For many purposes it is more appropriate to use symbols that refer to phonemes rather than to allophones.*

¹⁹ Diacrítico é um sinal gráfico complementar que modifica o valor de algum símbolo fonético.

²⁰ *En la transcripción ancha tan solo se anotan los rasgos fónicos diferenciales que contribuyen a distinguir los elementos significativos de la lengua, está muy próxima a la representación fonológica, porque prescinde de los matices. [...] En la transcripción semiestrecha sólo se prescinde de los grados de abertura y cierre de los alofonos vocálicos. Quilis y Fernández recomiendan este tipo de transcripción en cursos de español para extranjeros [...] Por último, en la transcripción estrecha aparece recogida la mayor cantidad de información expresada a través de símbolos y signos diacríticos especiales.*

a respeito da simplicidade extrema da transcrição fonética ampla, optamos por adotar a nomenclatura destes últimos autores para enfatizar o maior detalhamento da descrição dos fonemas e alofones apresentados numa transcrição fonética semi-restrita.

Considerações Finais

A inserção da Transcrição Fonética no ensino da Dicção Lírica nas universidades brasileiras é relativamente recente e se deu através do uso de uma bibliografia essencialmente dirigida a anglófonos. Apesar da relevância desta importante iniciativa, tal material didático carece de adaptações para o público brasileiro que, como qualquer indivíduo, tem como referência sua língua nativa (no caso, o português), e desconhece os sons estrangeiros a ela.

Muitos caminhos ainda precisam ser desbravados, como por exemplo, um estudo mais detalhado da representação fonética das vogais de cada língua estrangeira abordada, que promova uma maior aproximação do cantor da pronúncia livre da contaminação de sotaques; a elaboração de uma material didático que utilize linguagens mais amigáveis ao aprendizado; um estudo comparativo das diferenças e similaridades entre idiomas. Naturalmente, este é um assunto inesgotável, uma vez que apresenta uma miríade de facetas e detalhes que carecem de olhares e pesquisas específicas, assim como a constante atualização de dados e propostas inerentes a um objeto de estudo vivo e em constante evolução. Esperamos com isso incentivar a busca por novos olhares e caminhos, assim como colaborar com a formação cada vez mais consciente e multidisciplinar de nossos cantores.

Referências

ÁLVAREZ, María Pilar Nuño; RODRÍGUEZ, José Ramón Franco (Equipe de la Universidad de Alcalá). Coordenação: MARTÍNEZ, María Ángeles Álvarez. *Español Lengua Extranjera. Fonética Nivel Elemental A2*. 2ª Edição. Grupo Anaya. Madrid, 2008. 158 p. + 2 CDs.

ÁLVAREZ, María Pilar Nuño; RODRÍGUEZ, José Ramón Franco (Equipe de la Universidad de Alcalá). Coordenação: MARTÍNEZ, María Ángeles Álvarez. *Español Lengua Extranjera. Fonética Nivel Medio B1*. 2ª Edição. Grupo Anaya. Madrid, 2008. 200 p. + 2 CDs.

ÁLVAREZ, María Pilar Nuño; RODRÍGUEZ, José Ramón Franco (Equipe de la Universidad de Alcalá). Coordenação: MARTÍNEZ, María Ángeles Álvarez. *Español Lengua Extranjera. Fonética Nivel Avanzado B2*. 2ª Edição. Grupo Anaya. Madrid, 2008. 191 p. + 2 CDs.

BRAHMS, Johannes. *Dein blaues Auge*: op.59, nº 8; canto e piano. Frankfurt: Edition Peters, s.d. 1p.

CASTEL, Nico. *A Singers Manual of Spanish Lyric Diction*. New York, 1994. Excalibur Publishing. 162 p.

GRANADOS, Enrique. *Tonadillas, 3. El tra ta ta y el punteado*, canção, Lá Maior, canto e piano. International Music Company, Nova Iorque, 1952. 2p.

GUASTAVINO, Carlos. *Vidala del Secadal: Doce Canciones Populares*, Canção, Sol menor, canto e piano Buenos Aires: Editorial Lagos, 1968. Partitura. 2 págs.

HUALDE, José Ignacio; COLINA, Sonia. *Los sonidos del español*. Nova York: Cambridge University Press, 2014. 341p.

LABOUFF, Kahtryn. *Singing and Communicating in English: A Singer's Guide to English Diction*. Nova York: Oxford University Press, 2008. 345p.

MORIARTY, John. *Diction*. Boston: Schirmer, 1975. 143 p.

NAVARRO, Antônio Hidalgo; MERÍNLA, Mercedes Quilis. *Voz del Lenguaje: fonética y fonología del español*. Valencia: Tirant Humanidades, 2012. 364 p.

PRIEDE, Javier Octavio Cuétara. *Fonética de la ciudad de México: Aportaciones desde las tecnologías del habla*. Dissertação (Mestre em Linguística Hispânica). Universidad Nacional Autónoma de México – Posgrado en Lingüística, Ciudad de México, México, 2004. Disponível em: https://ru.atheneadigital.filos.unam.mx/jspui/handle/FFYL_UNAM/735. Acesso em: 21 set. 2023.

ROSA, Zelma Amaral da. *Assimilação fonética do fonema /n/ no espanhol: possível contribuição para a correção da nasalização de vogais*. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, VI, 2020, Rio de Janeiro. Páginas 1144 a 1155. Disponível em: <http://seer.unirio.br/simpom/article/view/10754/9248>.

ROSA, Zelma Amaral da. *Manual de Dicção do Espanhol para Brasileiros*. Rio de Janeiro, 2019. 54f. Dissertação (Mestrado Profissional em Música). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://promus.musica.ufrj.br/wp-content/uploads/2022/07/Zelma-Rosa-trabalho-final.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2023.

ROSA, Zelma Amaral da. *Manual de Dicção do Espanhol para Brasileiros*. Rio de Janeiro, 2019. 223f. Produto pedagógico. (Mestrado Profissional em Música). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019b. Disponível em: < <https://promus.musica.ufrj.br/index.php/estrutura-curricular/pesquisas-encerradas/?&pesquisa=32#produto-artistico-ou-pedagogico>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

SCHWEGLER, Armin; KEMPF, Juergen; AMEAL-GUERRA, Ana. *Fonética y Fonología Españolas*. 4a. Edição. Nova York. John Wiley & Sons, 2018. 512 p.

SHEIL, Richard F. *A Singer's Manual of Foreign Language Dictions*. YBK Publishers, New York, 2004. 181p.

SILVA, Taís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: Roteiro de estudos e guias de exercícios*. Ed. Contexto, São Paulo, 2001. 261 p. + CD.

VIARO, Mário E. Noções de Transcrição Fonética (Apostila de Fonética e Fonologia do Português). *Disciplinas da USP*, 2018. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4283285/mod_resource/content/1/2018%20-%20coment%C3%A1rios%20%C3%A0%20lista%20de%20palavras%20para%20transcri%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 24/ 07/ 2023.

WELLS, John Christopher (2006). Phonetic Transcription and Analysis. *Encyclopedia of Language & Linguistics*, Londres: University College London, p. 1-29, 2006.